

Avaliação psicopedagógica na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski

Psychopedagogical assessment from the perspective of Vigotski's Historical-Cultural Theory

Ana Caroline Nunes Costa¹

DOI: 10.51207/2179-4057.20240019

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar um modelo de avaliação psicopedagógica estruturado a partir da perspectiva da Teoria Histórico-Cultural de Lev Semionovitch Vigotski. O estudo questiona como uma visão que classifica e padroniza o comportamento humano e as formas de aprender colaboram para uma patologização das diferenças no desenvolvimento. A Teoria Histórico-Cultural apresenta uma perspectiva de desenvolvimento que rompe com uma visão dualista de homem, o que contribui para uma compreensão integral do desenvolvimento humano. O modelo de avaliação que parte dos princípios da Teoria Histórico-Cultural almeja encontrar os caminhos de compensação para o autodesenvolvimento da criança. A questão principal deste artigo é refletir como uma avaliação psicopedagógica com base na Teoria Histórico-Cultural pode colaborar para a compreensão do desenvolvimento integral da criança. Os procedimentos metodológicos explicitam que a pesquisa se trata da exposição de uma avaliação psicopedagógica apresentada em forma de relatório descritivo de uma criança de 6 anos. Esta avaliação é dividida em seis partes e apresenta resultados de um acompanhamento de duração de quatro meses. O presente artigo teve como resultado apresentar uma proposta de avaliação que esclareça, às instituições envolvidas com o desenvolvimento da criança, o papel dos estímulos organizados de forma intencional, a compreensão de que existe diversidade no desenvolvimento humano e que essas diferenças não são sinônimas de um suposto transtorno do neurodesenvolvimento ou alguma doença.

Unitermos: Avaliação Psicopedagógica. Teoria Histórico-Cultural. Desenvolvimento Infantil.

Summary

The present article aims to present a psychopedagogical assessment model structured from the perspective of Lev Semionovitch Vygotsky's Historical-Cultural Theory. The study questions how a vision that classifies and standardizes human behavior and ways of learning contributes to a pathologization of differences in development. The Historical-Cultural Theory presents a perspective of development that breaks with a dualistic view of man, which contributes to a comprehensive understanding of human development. The assessment model based on the principles of Historical-Cultural Theory aims to find compensatory paths for the child's self-development. The main question of this article is to reflect on how a psychopedagogical assessment based on Historical-Cultural Theory can contribute to understanding the child's integral development? The methodological procedures explain that the research is the presentation of a psychopedagogical assessment presented in the form of a descriptive report of a six-year-old child. This evaluation is divided into six parts and presents results from a four-month follow-up. The result of this article was to present an evaluation proposal that clarifies to the institutions involved in child development the role of intentionally organized stimuli, the understanding that there is diversity in human development and that these differences are not synonymous with a supposed neurodevelopment disorder or some disease.

Keywords: Psychopedagogical Assessment. Historical-Cultural Theory. Child Development.

Trabalho realizado na Clínica psicopedagógica Stimulato, Brasília, DF, Brasil.

Conflito de interesses: A autora declara não haver.

1. Ana Caroline Nunes Costa - Doutoranda em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense; Mestre em Psicologia (UniCeub); Pedagoga; Psicopedagoga, Brasília, DF, Brasil.

Introdução

As chamadas “dificuldades de aprendizado” têm sido objeto de estudos da ciência médica e da educação. A escola enquanto instituição que promove o ensino tem buscado soluções ancoradas nessas áreas para sanar os problemas do aprendizado de crianças. É muito comum a escola sugerir e/ou encaminhar alunos classificados com alguma dificuldade para aprender aos especialistas das seguintes áreas: Medicina, Psicologia, Fonoaudiologia, Psicopedagogia, Terapia Ocupacional, Musicoterapeuta, entre outras.

Nos últimos anos tem aumentado a procura pelos profissionais que trabalham na área clínica com o aprendizado. A Psicopedagogia é uma dessas áreas indicadas para sanar os problemas de aprendizagem, e, conseqüentemente, da alfabetização. As maiores queixas da escola e da família no geral se relacionam às dificuldades para ler, escrever, se concentrar e as noções de matemática.

Todavia, cada ciência analisa o suposto problema de aprendizado sobre a sua própria perspectiva e tem as suas bases filosóficas que influenciam nos diferentes modos de avaliar a criança. Cito como exemplo a análise médica sobre a dificuldade para aprender que tende a classificar as diferenças no desenvolvimento como uma doença ou algum transtorno do neurodesenvolvimento. Assim, analisar o homem a partir de uma perspectiva médica e biológica tem implicações reais para a sua vida e, conseqüentemente, para a sua história escolar.

A história nos mostra quantos métodos violentos foram utilizados com crianças que apresentavam diferenças em seu desenvolvimento. Cito como exemplo um método analisado por Vigotski (2021), que destaca o seguinte acontecimento na escola alemã:

Na escola alemã, onde está mais difundido esse método de ensino da fala oral aos surdos-mudos, observam-se também as maiores deformações da pedagogia científica. Recorrendo a uma excepcional rigidez e coação da criança, consegue-se ensinar-lhe a fala oral, mas seu interesse segue um curso distinto. Nessas escolas, a mímica é proibida e combatida, mas o pedagogo não encontra

um modo de bani-la. O famoso colégio para surdos-mudos, de J. Vatter, destacou-se pelos maiores êxitos nessa tarefa, mas as aulas de fala oral eram realizadas com grande crueldade. Ao obrigar o aluno a assimilar um som difícil, o professor podia quebrar-lhe um dente e, após limpar o sangue da mão, passava para outro aluno ou para outro som. (Vigotski, 2021, p. 37)

O que a descrição deste método nos mostra é que em nome da “ciência” muitas atrocidades já foram desenvolvidas e praticadas contra as crianças que apresentam um desenvolvimento atípico. São formas explícitas de violência, mas existem outros tipos. Dizer que as diferenças de desenvolvimento são sinônimos de inferioridade ou incapacidade também é um tipo de violência contra esse ser humano que se encontra no início de seu desenvolvimento.

Outro ponto a ser discutido são as diferenças de análise do campo médico e do campo educacional. As relacionadas ao campo educacional que têm como base questões sociais e culturais seguem uma outra lógica de análise. Mas o que se percebe é que a forma de análise médica tem exercido uma considerável influência tanto na perspectiva pedagógica quanto na psicopedagógica. A ideia de classificar e padronizar o comportamento humano e as formas de aprender segue ainda muito presente em avaliações de crianças.

Esta ideia de padronização do desenvolvimento ainda está muito presente nos ambientes sociais nos quais desenvolvi minha trajetória profissional e foi por meio do estudo e da pesquisa que pude compreender a existência das diferentes formas de aprender e de se desenvolver. A Teoria Histórico-Cultural de L. S. Vigotski (1896-1934) apresenta uma perspectiva de desenvolvimento que rompe com uma visão dualista de homem, o que contribui para uma compreensão integral do desenvolvimento da criança.

No universo escolar e médico a Psicopedagogia é conhecida como uma área que trabalha com a dificuldade ou os problemas relacionados à aprendizagem. É comum os professores e os neuropediatras

encaminharem essa terapia para crianças que apresentam dificuldades na adaptação do ensino escolar. Esta é uma área relativamente nova que tem como base os conhecimentos da Pedagogia e da Psicologia. Entretanto, há complexidade no desenvolvimento humano e isto requer da Psicopedagogia pesquisas em diversas áreas do conhecimento, como esclarecem Costa et al. (2013):

Sendo uma ciência em construção, a Psicopedagogia se respalda em outras ciências entre elas a filosofia, fisioterapia, neurologia, psicolinguística e a psicanálise pois, contribuem para a compreensão do processo de aprendizagem humana. Os diversos autores que tratam da Psicopedagogia enfatizam o seu caráter interdisciplinar. Reconhecer tal caráter significa admitir a sua especificidade enquanto área de estudos, uma vez que, buscando conhecimento em outros campos, cria o seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade. (p. 11)

Outro ponto importante é compreender a história desta área do conhecimento que se inicia atrelada à ciência médica. Em geral, para crianças diagnosticadas com algum tipo de deficiência que tivesse consequências na adaptação escolar. Por isso, é importante compreender as origens da Psicopedagogia para se pensar sobre a complexidade da formulação de suas avaliações para a atualidade. Neste sentido, é preciso ampliar o olhar sobre a criança para além do problema da aprendizagem. Segundo as autoras Costa et al. (2013), é preciso compreender que:

A Psicopedagogia nasceu na Europa, ainda no século XIX. Inicialmente, pensaram sobre o problema de aprendizagem: os filósofos, os médicos e os educadores. Na literatura francesa encontra-se, entre outros, os trabalhos de Janine Mery, psicopedagoga francesa, que apresenta algumas considerações sobre o termo Psicopedagogia e sobre a origem dessas ideias na Europa, e os trabalhos de George Mauco, fundador do primeiro centro médico-psicopedagógico na França onde se percebe as primeiras tentativas de articulação entre

Medicina, Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, na solução dos problemas de comportamento e de aprendizagem. (p. 12)

Como já foi descrito, em sua formulação a área da Psicopedagogia foi influenciada por diferentes ciências e tem uma visão específica de homem. Coaduna com a perspectiva da ciência naturalista que analisa as diferenças de desenvolvimentos ora como uma doença ou ora como um transtorno do neurodesenvolvimento. No início da estruturação da Psicopedagogia observa-se as raízes do que era chamado de “Pedagogia curativa”. A criança ou o aprendente seria o “doente” que deveria ser readaptado à estrutura escolar. Segundo Costa et al. (2013), foi:

A partir de 1948, o termo pedagogia curativo passa a ser definido como terapêutica para entender a criança e adolescentes desadaptados que, embora inteligentes, tinham maus resultados escolares. A Pedagogia Curativa introduzida na França poderia ser entendida como “método que favorecia a readaptação pedagógica do aluno”, uma vez que pretendia tanto auxiliar o sujeito a adquirir conhecimentos, como também desenvolver a sua personalidade. Segundo Debesse, a Pedagogia Curativa “situa-se no interior daquilo que hoje chamam de Psicopedagogia. (p. 13)

Estes pequenos pontos da história da Psicopedagogia descritos têm a intenção de refletir o quanto uma avaliação de uma criança precisa apresentar um olhar crítico sobre toda a cultura e a estrutura na qual ela está inserida, e, não simplesmente, apresentar as suas dificuldades. A criança compreendida em uma perspectiva de desenvolvimento, sendo analisada a partir dos diversos fatores que estão relacionados à sua dificuldade, e, assim, rompem como uma visão dualista de homem.

Outra questão importante é discutir como são estruturadas as avaliações tradicionais na Psicopedagogia que têm como base um cronograma com provas, testes, brincadeiras lúdicas, etc. Vale ressaltar que existe uma diferença na amplitude dos testes brasileiros dos testes realizados por psicopedagogos argentinos. Cito esta diferença, pois

foi na Argentina que esta área se fundou inicialmente na América do Sul com o seu primeiro curso superior. As autoras Costa et al. (2013) esclarecem a gama de testes realizados pelos psicopedagogos argentinos:

Segundo Bossa (2000), uma série de provas estão presentes na atuação dos psicopedagogos argentinos, são eles: as provas de inteligência (Wisc), as provas de nível de pensamento (Piaget), a avaliação do nível pedagógico (Eoca), a avaliação perceptomotora (teste Bender), os testes projetivos (CAT, TAT, desenho da família, desenho da figura humana e HTP), os testes psicomotores (provas de estruturas rítmicas e o teste da lateralidade) e o jogo psicopedagógico (objetos lúdicos). “A atuação dos psicopedagogos no Brasil, por seu turno, difere em alguns pontos da situação na Argentina, sobretudo no que concerne à prática, devido principalmente às condições de formação” (BOSSA, 2000). Aliás, muitos testes são permitidos apenas para aplicação de psicólogos no Brasil, diferentemente da Argentina. (p. 17)

Neste sentido a prática e a construção da avaliação tem como objetivo esclarecer quais “...intervênções correspondiam à medição e avaliação da deficiência cognitiva da criança com problemas de aprendizagem, por testes psicológicos” (Costa et al., 2013, p. 18). Na construção de uma avaliação é preciso esclarecer qual visão se tem de homem e qual perspectiva fundamenta-se. Medir a inteligência é algo extremamente complexo, uma vez que estamos lidando com crianças que se encontram no início de seu desenvolvimento.

Portanto, são os instrumentos utilizados na construção de avaliações e de laudos que no geral avaliam o potencial intelectual da criança. “É possível avaliar o potencial intelectual de alguém?” (Moysés, 2001, p. 35). A questão se torna mais complexa, uma vez que estamos falando de crianças pequenas. Qual ou quais instrumentos dariam conta da avaliação do potencial intelectual de um ser humano que se encontra no estágio inicial de seu desenvolvimento? “A medida a que temos acesso é

apenas a expressão do potencial, jamais o potencial” (Moysés, 2001, p. 35). Mas o que prevalece nas avaliações é um mapeamento do “potencial” da criança, indicando assim a suposta medição da inteligência. Como esclarece Moysés (2001):

O instrumento padronizado, o teste, fundamenta-se na concepção de que uma determinada forma de expressão constitui a chave de acesso ao potencial. Não é relevante, neste debate, se se acredita ter acesso direto ao potencial ou que uma determinada forma de expressão seja superior às demais: ambas as crenças apenas justificam o fato de que o teste elege uma forma de expressão como a única que merece ser considerada. Isto vale tanto para os testes mais simples de equilíbrio, como para os mais sofisticados, no campo das funções intelectuais superiores. Exatamente o campo onde o conhecimento é mais complexo, mais controverso; o que diferencia o ser humano das outras espécies. (p. 37)

A avaliação da aprendizagem que compreende a criança como um ser humano que se encontra no início de seu desenvolvimento e avalia a dificuldade a partir de seu contexto cultural rompe com a ideia de que o desenvolvimento humano é padronizado. Construir uma avaliação de crianças é sem dúvida uma responsabilidade ética com este ser humano que está no início de seu desenvolvimento. Por isso, a avaliação deve esclarecer às outras instituições responsáveis pela criança sobre o seu papel no desenvolvimento dela.

A minha experiência como professora de crianças e os desafios no ambiente escolar me fizeram questionar a padronização para aprender que é exigida diariamente na didática escolar. Nos conselhos de classe ficava evidente a incompreensão das diferenças nas formas de aprender, era comum ouvir professores dizendo que “fulano é muito lento, não consegue se concentrar, tem algum problema”. A questão não era a qualidade da aula em si, mas a forma de perceber a criança e o seu desenvolvimento. A crítica estava sempre na criança e consequentemente em sua família, e a estrutura enrijecida da instituição escolar não era questionada, apenas

reproduzida. Os temas das aulas que se relacionavam ao cotidiano da criança geravam engajamento e participação. Pouco se compreende sobre as funções psicológicas predominantes em cada período etário e a importância da fala para esse processo.

O estudo e a pesquisa são instrumentos importantíssimos para compreender as diferentes visões do desenvolvimento infantil. Vale ressaltar que um ponto de vista científico deve “conhecer a verdadeira natureza dos fenômenos estudados” (Vigotski, 2021, p. 89). A compreensão do desenvolvimento da criança envolve ir além da interpretação dos dados empíricos, é necessário conhecer a dinâmica e a complexidade que estão envolvidas nessa etapa. É preciso estudar a gênese dos fenômenos e desvendar a sua essência.

Os 15 anos de experiência em escolas particulares me fizeram perceber que o que se chama de “problema de aprendizagem” em geral não tem nenhuma relação com a gênese da questão. A visão limita-se ao que falta na criança, ou seja, ao que foge da padronização do aprendizado. Hoje, percebo o quanto esses desdobramentos são graves e alimentam a medicalização do comportamento: uma questão muito séria para o tempo em que vivemos. Não seria isto um tipo de violência contra a criança?

Análises que seguem uma lógica estritamente biológica e não levam em conta os fatores culturais que se relacionam ao desenvolvimento humano podem produzir análises equivocadas do desenvolvimento da criança. Cito como exemplo a fala humana, que se desenvolve na convivência com outros seres falantes, ou seja, se desenvolve dentro de uma cultura.

Diante disso, é importante compreendermos que existem duas visões predominantes na ciência que estuda o desenvolvimento infantil. A primeira é a visão naturalista, que ainda predomina em diferentes áreas científicas. Tal visão afirma “que uma anomalia biológica tem uma repercussão direta sobre o desenvolvimento das funções intelectuais” (Tunes, 2003, p. 7). Nesta existe um padrão instituído de “normalidade” biológica. É interessante pensar que, antes mesmo de nascer, já são realizados exames de estudo morfológico e, nesses, são comuns escritos com as seguintes palavras “simétricos”, “normais”,

“anormais e “defeitos”. Com este corriqueiro exemplo não quero desqualificar a relevância destes exames, mas indicar algumas sutilezas da visão naturalista presentes na medicina que tem repercussões diretas para a educação escolar.

Diante dessas questões, este artigo visa apresentar um modelo de avaliação psicopedagógica que se compõe em um formato diferente da estrutura da Psicopedagogia tradicional. É uma avaliação longitudinal realizada no período de 4 meses com um encontro semanal de duração de 50 minutos. Tem como objetivo acompanhar o desenvolvimento da criança e não se restringe a apontar o que falta nela, mas compreender os seus avanços e as suas potencialidades. Neste sentido a criança é vista em uma perspectiva de desenvolvimento tendo como base a Teoria Histórico-Cultural de L. S. Vigotski.

Este artigo analisa a seguinte questão: como uma avaliação psicopedagógica com base na Teoria Histórico-Cultural pode colaborar para a compreensão do desenvolvimento da criança?

Método

O presente artigo analisa as contribuições de uma avaliação psicopedagógica estruturada a partir das contribuições da Teoria Histórico-Cultural para o desenvolvimento integral da criança. Esta avaliação tem duração de 4 meses e é realizada em um atendimento semanal com duração de 50 minutos. Os primeiros quatro encontros são realizados com a criança e só depois acontecerá a reunião com a família. O objetivo é conhecer a criança primeiro para depois conversar com a família sobre as peculiaridades do seu aprendizado. Outro ponto importante é que na primeira sessão com a criança a família recebe impresso um documento chamado anamnese¹ no qual existem diferentes questões sobre a sua história de vida, rotina da criança, diversas perguntas sobre a história acadêmica dos pais e as crenças sobre o que eles pensam sobre o ensino escolar e a educação dos filhos.

1 Documentos com diversas questões sobre o desenvolvimento inicial e a história de vida da criança e também sobre a visão dos responsáveis a respeito da educação e da instrução dos filhos.

O presente artigo descreve uma avaliação psicopedagógica apresentada em forma de relatório descritivo. Utilizou-se um nome fictício para a criança avaliada. Em todos os documentos os pais autorizaram o uso dos dados para pesquisas científicas resguardando a imagem e o nome da criança. O presente estudo teve como pretensão mostrar a importância da Teoria Histórico-Cultural para a estruturação da avaliação psicopedagógica.

A estrutura da avaliação psicopedagógica aqui apresentada segue seis pontos de discussão acerca do desenvolvimento de uma criança de 6 anos de idade, são eles:

- 1) Panorama geral do desenvolvimento psicológico da criança com base na Teoria Histórico-Cultural;
- 2) Síntese da investigação psicopedagógica;
- 3) Características importantes da criança;
- 4) Desenvolvimento da fala e do vocabulário;
- 5) Consciência corporal e raciocínio lógico matemático;
- 6) Sugestões e orientações para a família.

O objetivo da avaliação é que a família compreenda pontos gerais do desenvolvimento da criança e reflita sobre o que pode ser realizado como estímulo. A proposta de avaliação aqui apresentada rompe com uma visão dualista de ser humano e propõe uma reflexão sobre o perigo de se focar no que classificamos como “problema” ou “defeito” do aprendizado escolar.

Os resultados e a discussão deste artigo estão presentes ao longo dos seis itens que compõem a avaliação psicopedagógica. O primeiro item apresenta um panorama geral do desenvolvimento psicológico da criança na perspectiva de desenvolvimento da Teoria Histórico-Cultural de L. S. Vigotski (1896-1934). Do segundo ao quinto item o leitor terá acesso aos pontos específicos do desenvolvimento de uma criança de 6 anos e no último apresento indicações de estímulos para que a família realize com esta criança a fim de aprimorar o seu desenvolvimento.

Resultados e Discussão

Panorama geral do desenvolvimento psicológico da criança com base na Teoria Histórico-Cultural

Por que olhamos a deficiência sempre pelo aspecto da falta e do “defeito” e não pelas infinitas

possibilidades de compensação? “Dizia-se o que faltava à criança atrasada, mas não se dizia o que possuía”. (Vygotski, 1983/1997, p. 160). Vigotski inverte a ordem da análise que era realizada, que tinha como ponto de partida o defeito. Ao fazer do defeito o objeto de análise, cria-se uma grande limitação para o estudo do desenvolvimento infantil. Desse modo, constrói-se um muro entre o defeito e as possibilidades de compensação, tornando desconhecido os seus caminhos. Na perspectiva do autor, não adianta apenas descrever o aspecto negativo e, sim, “os lados positivos de sua saúde que compensam seu estado físico” (Vygotski, 1983/1997, p. 160). Esse modo de análise tem uma premissa moral de compromisso com o outro e conseqüentemente com a dignidade do ser humano.

Nesta perspectiva, cada criança se desenvolve de um modo único e peculiar, compreendendo que o desenvolvimento é autodesenvolvimento! A ciência classifica o desenvolvimento humano em dois grupos; típico (é um modo mais comum) e atípico (um modo mais complexo). As diferenças no modo de desenvolvimento não podem ser sinônimas de fracasso ou incapacidade, pois toda criança tem capacidade para se desenvolver no seu espaço, ritmo e tempo.

O trabalho do desenvolvimento do pensamento não está dissociado das outras áreas que constituem o ser humano. O homem é um ser complexo e deve ser compreendido em sua totalidade, ou seja, o homem é uma unidade.

A avaliação psicopedagógica de desenvolvimento tem como objetivo investigar como a criança interage, brinca, pensa e participa das diversas atividades de estimulação em ambiente clínico. As questões discutidas neste relatório têm como objetivo principal investigar quais marcos importantes do desenvolvimento a criança já alcançou. É fundamental ressaltar que existem diferenças entre a idade cronológica e a idade de desenvolvimento na criança, e este relatório explana as principais peculiaridades e características importantes da criança.

A atuação do psicopedagogo deve ser guiada por este princípio: olhar para as infinitas possibilidades de compensação e não apenas pelo que a criança

não consegue realizar. Focar no que a criança não sabe é um grande equívoco, uma vez que não resolve o problema. Por isso, o nosso trabalho tem como maior objetivo colaborar para o desenvolvimento integral da criança.

Nesta perspectiva, cada uma se desenvolve de um modo único e peculiar, pois esse processo envolve características próprias de cada contexto cultural em que a criança vive. São diversos fatores que interferem no desenvolvimento delas, como por exemplo: a qualidade da alimentação, o excesso de aparelhos tecnológicos, a história dos primeiros anos de vida e as questões orgânicas.

O trabalho do desenvolvimento do pensamento não está dissociado das outras áreas que constituem o ser humano. O homem é um ser complexo e deve ser compreendido em sua totalidade, pois o desenvolvimento humano acontece no meio cultural.

Nas questões relacionadas ao desenvolvimento psíquico da criança, o primeiro ponto a ser trabalhado é a sua vontade, sendo esta a chave para o autodesenvolvimento. Ao trabalhar a vontade, estamos atuando na estruturação da personalidade, ou seja, no domínio das suas funções psicológicas superiores, o que tem total relação com a qualidade do aprendizado. Neste momento, qual a chave principal para uma efetiva comunicação e desenvolvimento da vontade da Nicole? A sua imaginação!

Quando cria e imagina é a Nicole que está no controle, exercendo a sua “liberdade” de escolha. Essa “liberdade” decorrente dos momentos imaginários é ilusória, pois tudo o que está presente nela vem de elementos da realidade, e, principalmente, de situações vivenciadas por ela, quais sejam: os elementos do conteúdo escolar, as situações do cotidiano, os desenhos e as brincadeiras.

É importante ressaltar que existe uma mudança significativa no pensamento das crianças que se encontram na faixa etária de 3 a 10 anos de idade. As Funções Psíquicas Superiores predominantes em cada período etário são:

- Pré-escolar: Imaginação;
- Escolar: Atenção;
- Adolescente: o Pensamento Reflexivo.

Essas são as funções predominantes em cada período do desenvolvimento, não significando que elas

desaparecem em etapas posteriores. Por exemplo, a imaginação continua presente ao longo da vida humana, exercendo, no entanto, outras posições no nosso desenvolvimento psíquico. As funções psíquicas, como o pensamento lógico, a memória consciente e a vontade não se apresentam prontas ao nascermos. Essas são o “resultado da apreensão da experiência social acumulada pelas gerações.” (Prestes, 2012, p. 42). Os aspectos culturais são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento, sendo eles os “modos socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza as tarefas que são propostas à criança, e com as ferramentas, físicas e mentais, que são oferecidas à criança para que domine essas tarefas.” (Luria, 1992, p. 49).

O isolamento social causado pela pandemia modificou diversos aspectos sociais de desenvolvimento das crianças, intensificando a intolerância no relacionamento causado pelo excesso de tela e pela falta de convívio com os seus pares. É no convívio com outras pessoas e crianças que somos “forçados” a equilibrar a nossa vontade com a dos outros. A diminuição desse contato social nos impulsiona para um mundo interior mais fechado em relação às nossas próprias ideias, possibilitando uma maior intolerância às frustrações.

No início do desenvolvimento humano os aspectos verbais e motores do comportamento estão unidos; é por isso que o aprendizado só faz sentido se estiver relacionado à experiência concreta. O pensamento concreto e as situações imaginárias estão muito presentes na estrutura da Nicole.

A fala exerce um papel fundamental na organização do nosso pensamento. A partir do momento em que a criança se desenvolve “a fala deixa de simplesmente acompanhar a ação e começa a organizar o comportamento”. (Luria, 1992, p. 54). Assim, adquire uma função instrumental característica própria das crianças mais velhas.

As capacidades da criança são as bases para o desenvolvimento do seu pleno potencial. A fala tem um papel decisivo no desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. A Nicole demonstra entusiasmo nos momentos de conversa, adora propor e guiar as brincadeiras de imaginação! Nos

jogos de regras fixas como dominó, xadrez e cartas ela precisa ser recorrentemente lembrada de que nesses tipos de jogos é extremamente necessário seguir as regras para que se possa vencer. Geralmente, crianças de 2 até 4 anos, por estarem em um período específico de desenvolvimento, ainda não se submetem por completo a jogos com regras fixas e pré-estabelecidas. Nessa fase de desenvolvimento o que prevalece é um tipo espontâneo-reativo, característica presente em crianças menores de 2 até 4 anos de idade.

Qual a relação entre autoridade e o aprendizado? A etimologia da palavra autoridade significa aquele que faz crescer. Para que o aprendizado ocorra, é necessário que a criança reconheça o adulto como uma autoridade, aqui não estou me referindo ao autoritarismo. Em toda relação de ensino e aprendizagem é necessária essa simbiose que nos faz identificar, e, conseqüentemente, nos submetermos a uma autoridade. É comum em crianças em que vontade está extremamente acentuada a dificuldade no processo de aprendizado. Aqui não se relaciona a uma “dificuldade” para assimilar conceitos, mas sim uma questão de reconhecimento de autoridade e de exacerbação da sua vontade. É notório no desenvolvimento da criança que, quando não se estabelece essa relação, ela tem menos chances de aprender, uma vez que é guiada apenas pela sua própria vontade.

Síntese da investigação psicopedagógica

A Nicole apresentou boa comunicação e motivação para realizar as atividades propostas, com destaque de interesse por atividades de livre imaginação. Seguem as características principais do início das sessões: demonstrou muito interesse e concentração pelos livros e histórias; soube contar com segurança até o número 5, e, neste momento, tinha como característica pressa e impaciência, o que gerava baixa assertividade; possuía baixo interesse e conhecimento por atividades com letras, nesses momentos dizia: “Eu já faço muita tarefa de casa!”. Nas atividades que se relacionavam às “escolares” demonstrava pouca motivação e interesse. Nos aspectos relacionados à coordenação motora

final apresentou pouca firmeza; escreveu o primeiro nome; preferência por atividades musicais. A forma geométrica conhecida foi o retângulo e dizia que não se lembrava do nome das outras apresentadas. Em alguns momentos queria mudar de atividade antes da sua finalização.

Após os estímulos direcionados para um pensamento mais elaborado, ampliando, assim as suas generalizações, a Nicole começou a perguntar o significado das palavras, objetos e brincadeiras que não conhecia.

Em relação ao seu desenvolvimento psicológico, existem aspectos que se assemelham aos de uma criança da sua faixa etária e estão presentes características de crianças menores. O que prevalece são situações de imaginação, que é uma característica muito presente em crianças, e, também, uma exacerbação de sua vontade; características marcantes em crianças pequenas (faixa etária de 2 até 4 anos).

Ao longo desse período, foram ampliando as suas generalizações com outros tipos de questões, tendo como objetivo estimulá-la a pensar em caminhos alternativos para conseguir compreender e ampliar o seu modo de encadeamento de ideias.

A base do pensamento da criança pequena é o concreto. Diante disso, tudo que ela utiliza necessita de um fundamento concreto para apoiar as suas generalizações. O maior objetivo é utilizar os materiais concretos como meio para se alcançar um pensamento mais elaborado, ou seja, um pensamento sistemático e abstrato. “O material concreto é necessário e inevitável apenas como um estágio para o desenvolvimento do pensamento abstrato, como meio, mas não como objetivo em si mesmo.” (Vigotski, 2021, p. 260). Por isso, é importante que uma instrução não tenha como base ou fundamento os materiais concretos, mas sim os utilize como um meio ou instrumento para o desenvolvimento do pensamento abstrato.

Características importantes da criança

Os estímulos dados neste período despertaram-na a ampliar a sua forma de raciocínio e a sua linha de interesses. Esses estímulos a fizeram, de forma espontânea, começar a aplicar conceitos

matemáticos nas situações e problemas propostos. Seguem alguns exemplos de situações clínicas importantes para compreender essa questão. As brincadeiras de competição são as suas preferidas, nessas demonstra assertividade para realizar somas simples, sequência e noções de quantidade até o número 20. Não conhecia o dado e foi lhe apresentado como estímulo em diversas atividades de raciocínio, corpo e movimento, o que há despertou para esse tipo de brincadeira.

Nos jogos de raciocínio demonstra maior rapidez e assertividade, embora precise de constantes intervenções para se submeter às regras da atividade proposta. Aqui prevalece o interesse por criar as suas próprias regras e guiar sempre a atividade de acordo com as suas vontades. Essa característica é muito presente em crianças menores (geralmente entre 2 e 4 anos), em que a submissão à regra ainda não prevalece como atividade guia para o desenvolvimento do que lhe é proposto. Ao longo desse período de estimulações, foi preciso firmeza, repetição e clareza do que estava sendo proposto, revelando a importância dessas orientações para o seu aprimoramento. Foi necessário um trabalho intenso no qual relacionei o significado e a relevância de saber ouvir para o processo de aprendizado.

A exploração do ambiente também é uma das características que está muito presente em crianças menores e no modo como a Nicole interage com o ambiente.

Ao longo das estimulações propostas, foram criados momentos de ampliar a sua forma de pensar sobre a submissão as convenções sociais, às regras. Todas as relações que ela estabeleceu foram no sentido de consequências negativas ou punitivas do ato de transgredi-las. A fim de ampliar o seu modo de pensar nessas questões foi fundamental esclarecer aspectos importantes dessas convenções sociais relacionando-as ao bem coletivo no sentido de proteção e segurança para a vida social.

Nesses momentos de brincadeira livre em que são introduzidos conceitos e questões novas, apresentava-se com maior entusiasmo, interesse e excelente argumentação. Faz relações coerentes com o que lhe é proposto, relacionando com

situações do cotidiano e vivências familiares! Sabe organizar suas ideias estabelecendo relações com outros ambientes. As atividades com tinta foram as que geraram maior interesse e concentração.

Desenvolvimento da fala e do vocabulário

Trabalhamos muitas histórias ao longo desse processo, nesses momentos Nicole demonstra interesse e concentração. A criança se destacou pelos conhecimentos dos nomes dos órgãos e partes do corpo humano. No livro “O corpo de Bóris” ela com autonomia soube dizer o nome do cérebro, do coração e do pulmão.

As funções executivas caracterizam-se basicamente pelo controle, direcionamento, gerenciamento e integração das funções cognitivas, emocionais e comportamentais para a execução voluntária e conscientes das ações necessárias para se administrar a possibilidade de que algo se realiza. São os estímulos organizados e direcionados que potencializam essas áreas extremamente importantes para a qualidade do aprendizado da criança.

É curiosa, gosta de explorar os objetos, ouvir histórias e imaginar. Essas são características peculiares ao período etário em que se encontra.

Já sabe escrever todas as vogais e reconhece o seu nome, dos pais e da irmã. Escreve o nome em caixa alta. Nicole também sabe explicar os nomes e a idade dos outros irmãos e primos. Consegue dizer o seu nome completo e organizá-lo na ordem certa. Já realiza emparelhamento de letras iguais reconhecidas em palavras diferentes.

Quando lhe é exigido maior foco em atividades que não são de sua livre escolha, por vezes insiste em desviar o foco e a atenção. A exacerbação de sua vontade ainda é um ponto importante a ser trabalhado em contexto familiar e clínico, uma vez que ela alimenta a sua inquietação e insatisfação em sempre criar novas necessidades de ação. Sabe recontar histórias com clareza e objetividade. Compreende mais de quatro preposições. Aponta e nomeia mais de 6 partes do corpo. Estabelece relações de mais de 20 palavras e o seu significado. Está em processo de apreensão das letras do alfabeto, por isso, em alguns momentos confunde lembrando-se mais das que lhe são familiares.

O desenvolvimento do pensamento colabora para o autodomínio e diminuição de sua impulsividade. Conhece e nomeia diversas cores. No início das estimulações só reconhecia a forma geométrica retângulo, neste momento já reconhece diversas formas geométricas.

Oralidade/fala: existe sequência, objetividade e clareza na fala oral. O som da letra “R” quase não aparece na pronúncia das palavras, exemplo: tei anos (três anos), baço (braço), pimeira (primeira) e pédio (prédio). Demonstrou interesse por histórias em outros idiomas como inglês e espanhol. Após um período de estimulações ao mundo letrado, Nicole começou a realizar atividades espontâneas de escrita. As atividades de coordenação motora fina estão em desenvolvimento, no início demonstrou pouca força, mas atualmente já gosta de realizá-las. Fazer letras do alfabeto no tabuleiro magnético é uma das suas atividades preferidas no ambiente clínico.

O que prevalece na base da evocação da memória da Nicole são as relações ligadas a situações e aos momentos familiares. Essas são as que ela memoriza com maior facilidade.

Consciência corporal e raciocínio lógico/matemático

Estão intimamente interligados e existe uma relação entre as organizações psicomotora e a cognitiva, em especial a relação entre inteligência lógico-matemática e dois elementos básicos psicomotores que são: o esquema corporal e a estruturação espacial. Tem noção de quantidade, tamanho, sequência do maior para o menor e vice-versa (1 até 10). Tem domínio assertivo até o número 10 a partir desses ainda está em apreensão. Às vezes se perde na contagem pela pressa e agilidade no ato de contar, mas já realiza comparações de ordem de grandeza. Reconhece as seguintes notas de dinheiro: 2, 5, 10, 20, 50 e 100. Conseguiu organizá-las em ordem crescente, confundindo apenas as de 20 e 50. Os conteúdos que se relacionam a situações e pessoas conhecidas são assimilados com extrema facilidade. Cito como exemplo uma atividade desenvolvida em que tivemos que falar as nossas idades para estabelecer relações de comparação e ordem de grandeza. Nessa atividade

Nicole decorou a minha idade que só foi falada em apenas um momento e soube com clareza estabelecer relações com a idade de outras pessoas da sua família em atendimentos posteriores. Já tem noção de períodos: manhã, tarde e noite. Tem noção de primeiro/início e último/fim. Compara duas coisas em relação ao tamanho. Exemplo: “Este é maior”. Sabe resolver problemas simples relacionados a procurar objetos no labirinto (atividade visual) e tirar objetos de frascos pequenos.

Todas as sessões eram iniciadas com atividades de concentração e raciocínio e isso colaborou para o aprimoramento do seu vocabulário e de seu pensamento, despertando-a para um maior tempo de foco e de atenção. As atividades de sua escolha são bastante engajadas e finalizadas com facilidade e muita concentração. Gosta de desafios e é rápida e assertiva nas atividades de adivinhação e montagem. Em diversos momentos tenta fugir dos objetivos das atividades para realizar a sua vontade. Hoje já conta com segurança até o número 20, mas em algumas situações trocou a ordem de 3 números. No início das sessões contava com segurança apenas até o número 5. Foi trabalhada a noção de tempo e medida, o que despertou o seu interesse para utilizar a régua e a fita métrica, nesses momentos demonstrava interesse. Sempre conta em voz alta e para aprimorar a sua compreensão foi lhe ensinado a apontar para os objetos no ato de contar. Em situações de jogos de competição quando percebe que não irá ganhar tenta burlar as regras para que a sua vontade esteja em primeiro lugar. Nesse quesito foram realizadas diversas intervenções. Sabe realizar algumas somas simples de números inteiros. Exemplos: $1 + 1 + 4$ ou $2 + 2$. Está em processo de aprendizado acerca da escrita dos números. Em alguns momentos confunde a escrita das letras e dos números. Reprodução de formas geométricas em desenhos não são realizadas. Desenha pessoas e as partes do corpo.

Sugestões e orientações para a família

- Incentivá-la a jogar e brincar com jogos de memória, quebra-cabeça, adedonha, dama, xadrez e outros tipos de jogos que estimulem o raciocínio lógico, memória e a concentração;

- Manter hábitos e horários para realização de leituras, brincadeiras livres e das tarefas de casa;
- Dizer palavras de incentivo e de motivação;
- Reconhecer e elogiar as realizações;
- Promover atividades de lazer em família;
- Inserir-la em atividades da rotina e organização da casa como por exemplo na organização dos seus brinquedos e do seu quarto, na realização de receitas em família e também é importante dar responsabilidades e tarefas simples. Essas atividades diárias colaboram para a sua auto-organização, ampliando assim a sua concentração, atenção, memória e internalização de regras.
- Dialogar e orientar como agir diante de situações do cotidiano.
- Dar explicações mais elaboradas de questões do cotidiano!
- Três quesitos são extremamente importantes para o desenvolvimento da memória da Nicole: a qualidade da alimentação, o prejuízo do excesso de tecnologia e a rotina fixa de horários para dormir. A memória é a base da nossa atividade mental.
- Nicole precisa ter clareza do que significa o não e a sua importância para o seu desenvolvimento. O não jamais poderá significar a possibilidade do sim. A tomada de consciência dessa palavra colabora para o desenvolvimento de uma personalidade que compreende os limites das relações humanas. Ao compreender o real significado dessa palavra, a criança compreende os limites e o que significa ter liberdade. Ser livre é respeitar os limites dos outros e isso envolve a formação do nosso caráter e da nossa personalidade. Uma vida sem limites é uma vida que tende a adoecer psicicamente! Quando essa etapa está solidificada, a criança se submete à autoridade de todos que a ensinam.

Lembre-se que os “Estímulos fortes ou que se repetem com frequência abrem novas trilhas” (Vigotski, 2018, p. 15).

Convém ressaltar que as recomendações apresentadas neste documento se referem ao momento atual e podem estar sujeitas a mudanças futuras.

Considerações

Por meio da apresentação desse modelo de avaliação psicopedagógica foi possível acompanhar os avanços da criança e descartar possíveis diagnósticos equivocados. Uma avaliação longitudinal acompanha de forma coerente a dinâmica do desenvolvimento da criança, que é sem dúvida marcada por crises. A avaliação que parte de uma perspectiva de desenvolvimento consegue descrever com clareza os diversos fatores que interferem diretamente na qualidade do aprendizado da criança. Vale ressaltar que esta criança, inicialmente, tinha uma suspeita de diagnóstico do TEA – Transtorno do Espectro Autista – e que ao longo do período de estimulações foi descartada essa hipótese sugerida pela médica, uma vez que as características eram transitórias e tinham relação com as peculiaridades da história de vida desta criança.

Outra questão importante é que ao longo desses quatro meses de construção desta avaliação foi realizado um trabalho de conscientização sobre a importância da família no desenvolvimento da criança. Nas reuniões com as famílias foram discutidos três pontos que se relacionam ao aprendizado da criança, são eles: a organização do sono, a qualidade da alimentação e a rotina geral da criança. Sem a compreensão destes três quesitos é difícil criar situações de qualidade para o aprendizado da criança.

O objetivo aqui foi mostrar de forma prática a relevância da Teoria Histórico-Cultural para a compreensão do desenvolvimento integral da criança. Em muitos casos, a medicalização é utilizada como um fim para se resolver uma questão de ordem social, desta forma, não se trata a raiz do problema, apenas as suas consequências.

O problema de analisar as diferenças de desenvolvimento com raízes naturalistas já foi problematizado por Vigotski ao descrever o problema central da defectologia. Esta área estudava as diferenças no desenvolvimento de crianças que na época era comum usar o termo “defeito”. Vigotski (1929/2019) nos esclarece esta questão:

Tratamos de mostrar que a defectologia estuda o desenvolvimento, que tem suas próprias leis, seu ritmo, seus ciclos, suas desproporções,

suas metamorfoses, sua transferência dos centros e suas estruturas; e que é uma esfera especial e relativamente independente do conhecimento de um objeto profundamente peculiar. Na esfera prática, na esfera da educação, como tratamos de demonstrar, a defectologia tem diante de si tarefas cuja solução exige o trabalho criador e a criação de formas especiais. Para solucionar esses e outros problemas da defectologia, é necessário encontrar um fundamento sólido tanto para a teoria como para a prática. Com o fim de não construir sobre a areia, para evitar o empirismo superficial e eclético que a diferenciava no passado, para passar de uma pedagogia terapêutica a uma pedagogia criadoramente positiva... (p. 68)

Outro ponto importante é o equívoco na construção de falsos diagnósticos que muitas vezes se restringem apenas a situações estereotipadas, sem estabelecer relações com o todo da sua história de vida e de seu desenvolvimento. Compreender a criança como uma unidade é sem dúvida investigar todos os aspectos que se relacionam à qualidade de seu desenvolvimento. Questionar a visão de uma Pedagogia ou Psicopedagogia terapêutica é partir do princípio de que o desenvolvimento humano é

dinâmico e dialético. Por fim, é preciso compromisso ético no ato de avaliar e principalmente na construção de um diagnóstico.

Referências

- Costa, A. A., Pinto, T. M. G., & Andrade, M. S. (2013). Análise histórica do surgimento da Psicopedagogia no Brasil. *Id on Line Revista de Psicologia*, 1(20), 10-21. <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/234/258>
- Luria, A. R. (1992). *A construção da mente*. Ícone.
- Moysés, M. A. A. (2001). *A institucionalização invisível: Crianças que não aprendem na escola*. Mercado das Letras.
- Prestes, Z. R. (2012). *Quando não é quase a mesma coisa: traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil*. Autores Associados.
- Tunes, E. (2003). Por que falamos de inclusão? *Linhas Críticas*, 9(16), 5-12.
- Vigotski, L. S. (2018). *Imaginação e Criação na infância: ensaio psicológico livro para professores* (1ª ed., Z. Prestes, E. Tunes, trad. rev. técnica). Expressão Popular.
- Vigotski, L. S. (2021). *Problemas de defectologia* (1ª ed., v. 1., Z. Prestes, E. Tunes, trad. rev. técnica). Expressão Popular.
- Vigotski, L. S. (2019). Problemas fundamentais da defectologia. In L. S. Vigotski (Orgs.), *Obras Completas Tomo V: Fundamentos de defectologia*. UNIOESTE. (Original publicado em 1929)
- Vygotski, L. S. (1997). *Obras Escogidas. Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia*. Visor. (Original publicado em 1983)



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.

Correspondência

Ana Caroline Nunes Costa
SQN 112, bloco E, apto 407 - Brasília, DF, Brasil -
CEP 70762-050.
E-mail: ana.carolinenunescosta03@gmail.com